



## **Impressos estudantis secundaristas como fonte para a História da Educação: potencialidades e desafios no processo de produção de um repertório sobre o Sul de Mato Grosso (Brasil)**

Secondary Education Student Press as a Source for History of Education: Potential and Challenges in Building a Repertoire about the South of Mato Grosso (Brazil)

Prensa del estudiante de secundaria como fuente para la Historia de la Educación: potencialidades y desafíos en el proceso de producción de un repertorio sobre el Sur de Mato Grosso (Brasil)

Kênia Hilda Moreira

Universidade Federal da Grande Dourados (Brasil)

<https://orcid.org/0000-0002-0265-4783>

<http://lattes.cnpq.br/0719411495759181>

[keniamoreira@ufgd.edu.br](mailto:keniamoreira@ufgd.edu.br)

Ana Maria de Oliveira Galvão

Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)

<https://orcid.org/0000-0001-9063-8267>

<http://lattes.cnpq.br/6102383021147824>

[anamariadeogalvao@gmail.com](mailto:anamariadeogalvao@gmail.com)

### **Resumo**

Apresenta reflexões metodológicas decorrentes da experiência de repertoriar a imprensa periódica estudantil, como fonte potencial de pesquisas para a História da Educação, a partir dos procedimentos de localização e da análise de 10 impressos estudantis de nível secundário, produzidos no sul de Mato Grosso, entre 1934 a 1998. A análise dos elementos materiais de produção permitiu algumas conjecturas interpretativas sobre o repertório em questão. Como categorias temáticas levantamos: Cultura estudantil; instituição escolar secundária; feminismo/mulher; e cinema e educação, cientes de que os impressos, como fonte, permitem muitas outras. O largo tempo que abrange esse repertório apresenta a vantagem de poder investigar as mudanças e as permanências em torno da produção e das temáticas elencadas nos referidos impressos.

**Palavras-chave:** Repertório de fontes. Ensino Secundário. Imprensa estudantil.

## Abstract

This article presents methodological reflections resulting from the experience of building a repertoire of periodical student press as a potential source for research of History of Education, based on the procedures used to locate and analyze 10 secondary education student publications that were produced in the south of Mato Grosso from 1934 to 1998. The analysis of their material elements allowed some interpretive conjectures about the repertoire in question. The thematic categories we defined were: student culture; secondary school institution; feminism/women; and cinema and education. It is worth noting that, as a source, these student press periodicals allow many other sources. The long period covered by the repertoire has the advantage of allowing investigations on what changed or remained unchanged with regard to the production of such periodicals and the topics they address.

**Keywords:** Repertoire of sources. Secondary Education. Student Press.

## Resumen

Presenta reflexiones metodológicas fruto de la experiencia de hacer un repertorio de la prensa periódica estudiantil, como fuente potencial de investigación para la Historia de la Educación, a partir de los procedimientos de localización y análisis de 10 prensas de estudiantes de secundaria, producidos en el sur de Mato Grosso, entre 1934 y 1998. El análisis de los elementos materiales de la producción permitió algunas conjeturas interpretativas sobre el repertorio en cuestión. Como categorías temáticas definimos: Cultura estudiantil; institución de educación secundaria; feminismo / mujeres; y cine y educación, conscientes de que la prensa, como fuente, permite muchas otras. El largo tiempo que abarca este repertorio tiene la ventaja de poder indagar cambios y permanencias en torno a la producción y a los temas enumerados en la referida prensa.

**Palabras clave:** Repertorio de fuentes. Escuela secundaria. Prensa estudiantil.

## Introdução

O presente artigo apresenta a primeira operação técnica do historiador, a de produção de documentos e da criação de uma coleção, como afirma Certeau (2011[1975]). Objetiva, portanto, trazer reflexões de natureza metodológica decorrentes da experiência de se organizar, inventariar e repertoriar fontes que potencialmente contribuam para pesquisas no campo da História da Educação, mas que não estão disponíveis em grandes acervos digitais, como é o caso da imprensa periódica estudantil. Além disso, o artigo objetiva levantar, com base nos periódicos localizados, as potencialidades de análise dos impressos, tendo em vista o estudo do processo de configuração do ensino secundário no Brasil e, particularmente, no sul de Mato Grosso.

Consideramos que a análise da imprensa estudantil, inserida no conjunto de publicações que denominamos de imprensa periódica educacional, pode contribuir para compreender, particularmente, a história do ensino secundário a partir de elementos como a cultura escolar, as práticas pedagógicas, o cotidiano das instituições e as representações sociais dos estudantes referentes à educação e ao contexto em que estavam inseridos, pois, como afirma Caspard (1993, p. 93), a análise da “imprensa de educação e de ensino”<sup>1</sup> permite escrever a história da educação “menos centrado[a] no papel do Estado ou dos grandes pedagogos e mais atento[a] à riqueza das iniciativas locais, institucionais, ideológicas, sócio profissionais e também ao atendimento de expectativas”, compreendendo que, “diferentemente do livro, a imprensa periódica é uma mídia interativa na orientação da qual os leitores participam de um modo ou de outro, quer escrevendo para ela, quer assinando-a ou deixando de fazê-lo”.

A imprensa estudantil pode ser compreendida, assim, como um conjunto de impressos que possuem características comuns e que têm, em seus processos de produção, destinação e/ou circulação, o protagonismo dos estudantes. Como afirma Amaral (2002, p. 124), nesses impressos estudantis “é possível observar-se valores, costumes e interesses que balizavam as relações dos jovens estudantes, bem como os reflexos das apropriações feitas a partir da cultura escolar da instituição a qual estavam ligados”. Sua análise “possibilita o contato com conteúdos e dispositivos textuais que configuram práticas de leituras dos alunos” traduzindo “uma certa conduta e um comportamento desejável (e às vezes indesejável) por parte das diversas instituições educacionais”.

Assim, podemos afirmar que a imprensa estudantil secundarista, compreendida como a imprensa produzida e destinada aos estudantes surge, no sul de Mato Grosso<sup>2</sup>, na medida em que as primeiras instituições de ensino secundário vão sendo implantadas. Em 1925, o Colégio Dom Bosco, originário do Instituto Pestalozzi, foi a primeira instituição a oferecer o ensino secundário, em nível ginásial, na cidade de Campo Grande, hoje capital de Mato Grosso do Sul<sup>3</sup>. Em 1939, foi instalado o primeiro Ginásio público, terceiro dessa modalidade no estado de Mato Grosso uno (OLIVEIRA; GONÇALVES, 2009). Em 1940, havia apenas três ginásios oficiais sob a inspeção federal, nas principais cidades de Mato Grosso: Cuiabá, Corumbá e Campo Grande (MATO GROSSO, Relatório..., 1940).

<sup>1</sup> Ao organizar o repertório analítico francês, Caspard (1981) define o termo “imprensa de educação e de ensino” para abarcar todo o conjunto de impressos concernentes à educação escolar, produzidos por e/ou destinados aos professores, aos estudantes, e/ou às famílias. O autor alerta que o termo imprensa pedagógica, por exemplo, pode ser compreendido como circunscrito à pedagogia ou às teorias pedagógicas, destinados, portanto, aos professores, restringindo-se apenas a uma parte do que compõe a imprensa de educação e de ensino.

<sup>2</sup> Compreendemos por sul de Mato Grosso o espaço geográfico que hoje corresponde ao estado de Mato Grosso do Sul, criado em 1977, pela Lei complementar n. 31 de 11 de outubro. A expressão sul de Mato Grosso abarca, portanto, a porção sul do antigo Mato Grosso uno no período anterior à data da divisão do estado.

<sup>3</sup> Em 1933, Campo Grande tinha 2.580 estudantes matriculados, sendo aproximadamente 83% no ensino primário; 10% no Ginásio; 4% no Normal; e 3% no comercial, segundo Rocha (2010).

Paralelamente às instituições públicas de nível médio, as instituições privadas e, particularmente, confessionais, foram se estabelecendo, sendo responsáveis, inclusive, por grande parte dos impressos estudantis a que tivemos acesso.

A situação do sul de Mato Grosso em relação à oferta do nível secundário de ensino era muito semelhante ao que ocorria no restante do País. Dallabrida (2012, p. 170) afirma, por exemplo, que, na década de 1950, o ensino secundário em Florianópolis era “formado por três educandários, sendo dois católicos, privados e distintos em gênero, e um de caráter público, gratuito e coeducativo”. Ao analisar o jornal *O Estado de São Paulo*, entre 1947 e 1957, Bontempi Jr (2012, p. 143) afirma que o ensino secundário foi apresentado nesse impresso como o mais “sério e mais grave de todos os problemas educacionais” no sistema brasileiro. Em 1961, como correlator<sup>4</sup> do ensino secundário, Jayme Abreu afirmou que “o problema-chave na problemática universal da educação de nosso tempo é o da educação de segundo grau ou pós-primária” (ABREU, 1961, p. 8).

A Reforma Francisco Campos, de 1931, estabeleceu, pela primeira vez, a “homogeneização” do ensino secundário no Brasil, e na década de 1940 se iniciou a expansão sistemática desse nível de ensino, com a criação de ginásios nas capitais dos estados da federação, orientada pela Lei Orgânica do Ensino Secundário (LOES) de 1942<sup>5</sup>. Nesse contexto, o ensino secundário é compreendido como o ensino pós educação primária, organizado em dois ciclos de estudos (um primeiro ciclo de quatro anos de duração, denominado ginásial<sup>6</sup> e um segundo ciclo, de três anos, nas modalidades de clássico e científico), com currículo que se caracterizava pela predominância enciclopédica, valorizando a cultura geral e humanística. A própria LOES afirmava, explicitamente, em seu artigo 23, que esse nível de ensino deveria estar voltado para a formação das “individualidades condutoras” do País (BRASIL, 1942). Nesse contexto, o investimento do poder público na criação de instituições de nível secundário era precário, deixando a cargo da iniciativa privada e, particularmente, da Igreja Católica, o suprimento dessa carência, aumentando o elitismo desse nível de ensino, como expõe, entre outros, Dallabrida (2012).

A década de 1950 foi um período de ações em torno do ensino secundário brasileiro, como a criação das normas de funcionamento da escola secundária nacional, com a Lei n. 1.920/25 de julho de 1953 (BRASIL, 1953) que, além de estabelecer a Diretoria do Ensino Secundário<sup>7</sup>, tornou equivalentes os diversos cursos de grau médio para efeito de matrícula no ciclo colegial e nos cursos superiores, o que, de certo modo, representou uma medida importante no processo de sua democratização. No entanto, como afirmou Abreu (1955, p. 37), com base nos dados estatísticos de 1954, apesar de as matrículas no ensino secundário, entre 1933 e 1953, terem aumentado em torno de 490%, o referido nível de ensino ainda era marcado pela precariedade, “salvo nas aparências do formalismo legal, que é a forma usual de contrafação decorrente da irrealista abstração legal”. Para Nunes (2000, p. 35), o ensino secundário “se tornou um desafio para os educadores nos anos 30, 40 e 50, pelas transformações

---

<sup>4</sup> Jayme Abreu foi convidado como correlator do tema "Ensino Médio em Geral; Secundário", nos "Encontros Regionais de Educadores Brasileiros" (6. Região), promovidos por entidades públicas e privadas, como o M.E.C. e a C.N.I. Seu texto foi publicado na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, em 1961.

<sup>5</sup> Promulgada em 9 de abril de 1942, na gestão do ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema, a Lei Orgânica do Ensino Secundário também ficou conhecida como Reforma Capanema (BRASIL, 1942).

<sup>6</sup> O acesso do ensino primário a este primeiro ciclo acontecia por meio de um exame de admissão ao ginásio.

<sup>7</sup> A Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES) foi criada por esta Diretoria (Decreto n. 34.638/17 de novembro de 1953), para qualificar e certificar os professores leigos nesse nível de ensino no período das férias. Quatro anos mais tarde, a CADES cria a revista “Escola Secundária”, voltada às questões didáticas, com relatos de experiências de diferentes disciplinas dos cursos ginásial e colegial.

que sofreu na democratização do seu acesso e no seu currículo, transformações essas que traziam implícito um profundo questionamento da sua função formativa”.<sup>8</sup>

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação n. 4.024/1961 equiparou o ensino secundário previsto pela LOES com os cursos técnico-profissionalizantes e o normal, criando o ensino médio e representando mais um passo em direção à sua democratização. A Lei n. 5.692/1971, por sua vez, estabeleceu novas diretrizes para os então criados ensinos de 1º. e 2º. Graus. Como referido, entre 1931 e 1971, o ensino secundário estava organizado em dois ciclos de estudos (“ginásio” e “colegial”<sup>9</sup>) e o acesso ao ensino secundário se dava, prioritariamente, pelo exame de admissão. A Lei n. 5.692/1971 aglutinou o ensino primário ao curso ginásial e o denominou de ensino de 1º. Grau, eliminando o exame de admissão. O ensino secundário passou a corresponder ao ensino de 2º. Grau.

Com a redemocratização do país a partir de 1985 e a aprovação da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB n. 9.394/1996), o ensino secundário passa a compor a última etapa da Educação Básica (que inclui a educação infantil e o ensino fundamental), como nível de ensino obrigatório e de oferta gratuita. Trata-se de um novo olhar para o ensino secundário, como base da formação dos jovens e não mais como um ensino restrito a uma classe social, ou apenas um degrau para o ensino superior.

O esforço de sintetizar, neste artigo, a história do ensino secundário no Brasil principalmente a partir de marcos legais, mesmo correndo riscos de simplificação, se justifica como forma de evidenciar que as mudanças de formato e de objetivos propostas para esse nível de ensino, em cada tempo, marcaram as definições sobre o possível estudante de nível médio, o que, conseqüentemente, influencia na análise da imprensa periódica estudantil secundarista ao longo da história.

Desse modo, com o intuito de localizar e identificar a imprensa estudantil secundarista, produzida e em circulação no sul de Mato Grosso, desde o surgimento das primeiras instituições, como uma das possíveis vias para se compreender o ensino secundário no estado, debruçamo-nos sobre o acervo disponível no Centro de Documentação Regional (CDR) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e, em seguida, levantamos as pesquisas em história da educação que apresentaram a imprensa periódica educacional como fonte. Tais procedimentos resultaram, após uma ginástica interpretativa dos dados disponíveis, na apresentação e análise de 10 impressos periódicos estudantis como fontes potenciais para a história da educação no sul de Mato Grosso entre 1934 a 1998.

### **Procedimentos de busca: localização, identificação, seleção e acesso**

A partir da motivação de criação de um catálogo da imprensa periódica educacional produzida e em circulação no sul de Mato Grosso no século XX<sup>10</sup>, e com base na afirmação de Certeau (2011 [1975], p. 75) de que “‘ir aos arquivos’ é o enunciado de uma lei tácita da

<sup>8</sup> Com o fim da era Vargas (1930-1945), a Lei Orgânica do Ensino Secundário (1942) passa por um período de debate em torno do objetivo desse nível de ensino. Pode-se afirmar que a LOES teve duas fases, sendo uma de 1942 a 1945, atendendo ao objetivo elitista do ensino secundário previsto na lei, e uma segunda fase de readaptações, com um “emaranhado de portarias e circulares”, adaptando-se às mudanças da estrutura sociocultural brasileira, como afirma Braghini (2005, p. 6). Essa segunda fase vai até 1961, com a promulgação da LDB 4.024/1961, depois de 11 anos em tramitação.

<sup>9</sup> A propósito dessas terminologias, cabe lembrar, em consonância com Dallabrida (2012), que os estabelecimentos de ensino secundário que conseguiram implantar os dois ciclos previstos na Reforma Capanema (LOES) ganhavam o status de “colégio”, enquanto aqueles que ofereciam somente o primeiro ciclo do ensino secundário eram considerados “ginásio”.

<sup>10</sup> Tal intenção resultou em relatório final de residência de pós-doutoramento, no Programa de Pós-graduação em Educação, junto ao Centro de Pesquisa em História da Educação (GEPHE) e ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura Escrita, na Universidade Federal de Minas Gerais.

história”, iniciamos a busca pelos documentos disponibilizados, por coleções, no Centro de Documentação Regional (CDR)<sup>11</sup>, considerando que:

A despeito do que às vezes parecem imaginar os iniciantes, os documentos não surgem, aqui ou ali, por efeito [de não se sabe] qual misterioso decreto dos deuses. Sua presença ou ausência em tais arquivos, em tal biblioteca, em tal solo deriva de causas humanas que não escapam de modo algum à análise, e os problemas que sua transmissão coloca, longe de terem apenas o alcance de exercícios de técnicos, tocam eles mesmos no mais íntimo da vida do passado, pois o que se encontra assim posto em jogo é nada menos do que a passagem da lembrança através das gerações (BLOCH, 2002 [1941-42], p. 83).

Ponderando que os documentos arquivados no CDR passaram por processos de seleção e de identificação, de acordo com as intenções previstas na constituição desta instituição, dedicada à produção e reunião de coleções de documentos referentes aos estudos regionais, consultamos as seguintes coleções: “Periódicos Mato-Grossenses (microfilmes)”; “Jornais e Boletins”; “Revistas”; “Documentos Originais”; e “‘Lourival Alves da Silva’ - Lista de jornais impressos e digitalizados (Ponta Porã e Aral Moreira)”.

Ao produzir uma “nova distribuição cultural” dos documentos, recortado “no universo do uso” (CERTEAU, 2011 [1975], p. 69), nossa primeira seleção resultou em 33 impressos que denominamos, pelo título e pela classificação no arquivo, como imprensa periódica estudantil, tanto de nível secundário quanto universitário. Uma segunda seleção, mais rigorosa e precisa, observou que alguns títulos, como, por exemplo, o periódico *O Caderno*, apesar de fazer referência a um objeto escolar, tratava-se de um periódico de circulação geral, autodenominado como “única revista [da cidade] de Aquidauana”. Tal seleção reduziu a 18 o número de impressos estudantis localizados no CDR (dois referentes aos anos 1930, um à década de 1960, dois publicados nos anos 1970, sete na década de 1980, seis nos anos 1990).

Em busca da imprensa estudantil restrita ao nível secundário no arquivo do CDR, constatamos que os impressos mais antigos a ela se referiam. O primeiro periódico localizado foi o jornal *Vida Escolar*, com exemplares de 1934 a 1937. A revista *Civilização* (de cultura e educação, também de 1934), a princípio selecionada, foi eliminada, pois não apresentou vínculo direto com nenhuma instituição escolar ou com grupo de alunos<sup>12</sup>. O segundo periódico estudantil localizado nessa década foi o *Ecos Juvenis* (1936, 1939), das alunas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. O acervo do CDR não possui nenhum impresso estudantil publicado nas décadas de 1940 e 1950, sendo a próxima ocorrência o jornal escolar *O ABC - Grêmio Estudantil Coelho Neto* (1961, 1962, 1968), do Colégio Osvaldo Cruz, de Dourados. Na década de 1970, localizamos o jornal *O grito do estudante* (1974)<sup>13</sup>, do Colégio Estadual Presidente Vargas. Nas décadas de 1980 e 1990, os jornais estudantis universitários apresentam maior quantidade de edições no acervo, mas localizamos três impressos destinados ao nível secundário: o jornal *Voz do estudante*: órgão oficial informativo e cultural da União Douradense

<sup>11</sup> O Centro de Documentação Regional foi criado na década de 1980 pelos professores da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Dourados, hoje Universidade Federal da Grande Dourados. Maiores informações e consultas no site: <https://www.ufgd.edu.br/setor/cdr/index>. Acesso em: 4 ago. 2020.

<sup>12</sup> A revista *Civilização* esteve sob direção geral do médico Peri Alves Campus, que também editou, entre 1931 a 1940, a revista *Folha da Serra*, na cidade de Campo Grande.

<sup>13</sup> O primeiro periódico estudantil universitário aparece em 1977, denominado *Pizão – Boletim Informativo do Diretório Acadêmico Pedro Pedrossian* (curso de Engenharia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul).

de Estudantes (1983, 1991); e dois jornais aparentemente de vida efêmera, um intitulado *Futrica* e o outro *Jornal O interação* – Grêmio Estudantil gestão Renovação, ambos da Escola Estadual Reis Veloso e publicados em 1998.

Considerando a distinção entre a imprensa estudantil secundarista e universitária, além das subtrações feitas ao analisar mais de perto alguns periódicos, que não se identificaram como de educação/ensino, apesar da nomenclatura, chegamos a sete impressos periódicos secundaristas. No quadro abaixo apresentamos, por título, instituição, cidade de origem e ano, os periódicos secundaristas localizados e selecionados no acervo do CDR, perfazendo o período de 1934 a 1998.

**Quadro 1** – Impressos estudantis secundaristas selecionados no acervo do CDR

<b>Título dos impressos</b>	<b>Instituição/Cidade</b>	<b>Ano de circulação (números disponíveis)</b>	<b>N. médio de páginas (por edição)</b>
<i>Vida Escolar</i> – órgão dos estudantes de Campo Grande/orgão dos estudantes de Campo Grande Colégio Visconde de Taunay	Colégio Visconde de Taunay/ Internato Osvaldo Cruz/ Campo Grande	1934, 1935 1935, 1936 e 1937 <sup>14</sup>	4 páginas (18 páginas em 1937)
<i>Ecos Juvenis</i> – órgão das alunas do Colégio N. S. Auxiliadora	Colégio Nossa Senhora Auxiliadora / Campo Grande	1936, 1939 <sup>15</sup>	22 páginas
<i>ABC</i> O ABC Grêmio Estudantil Coelho Neto	Colégio Osvaldo Cruz de Dourados/ Dourados	1961, 1962, 1968 <sup>16</sup>	6 páginas
<i>O grito do estudante</i>	Colégio Estadual Presidente Vargas/ Dourados	1974 <sup>17</sup> (6 números disponíveis)	14 páginas (12 a 16)
<i>Voz do estudante</i> – Órgão oficial informativo e cultural da UDE	UDE (União Douradense dos Estudantes) Dourados	1983, 1991 <sup>18</sup>	8 páginas
<i>Futrica</i>	Escola Estadual Reis Veloso /Dourados	1998 <sup>19</sup>	2 páginas
<i>Jornal O interação</i> – Grêmio Estudantil gestão Renovação	Escola Reis Veloso /Dourados	1998 <sup>20</sup>	4 páginas

**Fonte:** Elaboração própria a partir do levantamento das fontes disponíveis materialmente no CDR

<sup>14</sup> Os números disponíveis no acervo do CDR são: Ano 1, n.1, maio/1934; Ano 1, n.2, jun./1934; Ano 1, n.3, jun./1934; Ano 1, n.5, jul./1934; Ano1, n.8, set./1934; Ano 1, n.9, set./1934; Ano 2, n.11, nov./1934; Ano 2, n.13, maio/1935; Ano 2, n.14, maio/1935; Ano 2, n.16, jul./1935; Ano 2, n.18-19, ago./1935; n.20, nov./1935; Ano 3, n.22, jun./1936; Ano 4, n. 28, jun./1937.

<sup>15</sup> Os números disponíveis no acervo do CDR são: 1936; e Ano 6, n. 29, out./1939.

<sup>16</sup> Os números disponíveis no acervo do CDR são: n. 2, maio 1961; n. 6, 1961; n. 6, out. 1961; n. 8. Mar. 1962; n. 9, 1962; n. 10, maio 1962. O ABC Literário (nova versão): n. 1, 1968; n. 2, 1968; n. 3, maio 1968, n. 4, 1968; n. 5, ago. 1968; n. 6, set. 1968 (média de 4 p)

<sup>17</sup> Os números disponíveis no acervo do CDR são todos do ano 1 (1974): n. 1, junho; n. 2, agosto; n. 3, setembro, n. 4 também de setembro; n. 5, outubro, n. 6, novembro.

<sup>18</sup> Os números disponíveis no acervo do CDR são: Ano 1 n° 02 (10/1983); Ano 11 n° 004 (02/05/1991).

<sup>19</sup> O número disponível no acervo do CDR é: ano 1, n. 4, 26 de maio de 1998.

<sup>20</sup> O número disponível no acervo do CDR é: n. 1, ano 1998.

O quadro acima permite observar que os sete impressos disponíveis no acervo do CDR estiveram vinculados a quatro instituições privadas, de 1934 até 1968; duas instituições públicas, entre 1974 até 1998; e uma associação de estudantes, a União Douradense de Estudantes (UDE), em 1983 e 1991. Os impressos mais antigos foram produzidos em Campo Grande e os mais recentes no município de Dourados.

Nossas hipóteses explicativas para tais observações – além de considerar a constituição do CDR, a rotina e os critérios utilizados na organização do seu arquivo, como ressaltava Marc Bloch (2002/[1941-1942]), são, por um lado, a própria configuração do ensino secundário, garantido, até os anos 1970, a uma pequena parcela da sociedade, principalmente por instituições privadas, com relativa expansão das instituições públicas nas décadas posteriores. A concentração dos impressos nas cidades de Campo Grande e Dourados pode ser explicada, por sua vez, por se constituírem nas duas principais cidades do sul do estado, a partir da década de 1930. Cabe destacar, ainda, que o Centro de Documentação Regional (CDR/FCH/UFGD) está localizado em Dourados.

A limitação quantitativa e geográfica das fontes localizadas no acervo do CDR nos motivou a buscar, nas pesquisas acadêmicas, impressos estudantis secundaristas utilizados em investigações sobre o sul de Mato Grosso, considerando que esse tipo de fonte também pode ser acessado em acervos escolares ou em acervos pessoais, como novos “lugares de memória” (NORA, 1993), além dos arquivos e acervos históricos. Como a intenção era produzir um repertório analítico, com o principal intuito de fomentar novas pesquisas, necessário se fez extrapolar o próprio acervo.

Em busca de pesquisas e fontes sobre a imprensa estudantil secundarista no sul de Mato Grosso, rastreamos, inicialmente, os títulos dos artigos publicados e disponíveis on-line nos cinco periódicos especializados na área de história da Educação: *História da Educação* (Online)/ASPHE (RHE – 1997 a meados de 2020)<sup>21</sup>; *Revista Brasileira de História da Educação* (RBHE – 2001 a meados de 2020)<sup>22</sup>; *HISTEDBR On-line* (2009 a meados de 2020)<sup>23</sup>; *Cadernos de História da Educação* (CHE – 2002-2020)<sup>24</sup>; e a *Revista de História e Historiografia da Educação* (RHHE – 2017-2020)<sup>25</sup>. Definimos, como descritores de busca nos títulos dos artigos publicados nesses periódicos, as palavras “imprensa”, “impresso”, “jornal”, “periódico”, “revista” e “mato grosso”<sup>26</sup> e chegamos ao seguinte resultado, que apresentamos na Tabela 1:

**Tabela 1** – Número de artigos encontrados por periódico científico

<b>Periódicos (locais de busca)</b>	<b>Artigos sobre/com Imprensa</b>	<b>Artigos sobre/com Imprensa estudantil</b>
RHE	59	16
RBHE	30	2
Rev. HISTEDBR	42	1
CHE	37	1
RHHE	5	1
<b>TOTAL</b>	<b>173</b>	<b>21</b>

**Fonte:** Elaboração própria a partir do resultado do levantamento da produção nos periódicos

<sup>21</sup> A RHE é uma publicação da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (Asphe), com publicações desde 1997. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/issue/archive>. Acesso em 11 ago. 2020.

<sup>22</sup> Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/issue/archive>. Acesso em 13 ago. 2020.

<sup>23</sup> A Revista HISTEDBR On-line, criada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil – HISTEDBR, começou a ser publicada em setembro de 2000. No entanto, as versões on-line estão disponíveis a partir de março de 2009 (v.9, n.33). Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/issue/archive>. Acesso em 17 ago 2020.

<sup>24</sup> Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/>. Acesso em 19 ago 2020.

<sup>25</sup> Revista do GT de História da Educação da Anpuh. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/rhhe>. Acesso em: 18 jan 2021.

<sup>26</sup> Desconsideramos as pesquisas que apresentaram livros/manuais escolares/cartilhas como impressos.



Para selecionar a imprensa estudantil, entre os artigos levantados nesse procedimento de busca, definimos, a partir da leitura de cada título, a presença de um termo que indicasse tratar-se desse tipo de impresso, tais como: “aluno”, “estudante”, “escolar”, “escola”, “colégio”<sup>27</sup>. Pelo procedimento de busca aqui descrito, nenhum dos 21 artigos localizados, que apresentaram a imprensa periódica estudantil como fonte, refere-se a Mato Grosso. Nesse sentido, o levantamento da produção ajudou a compreender o estado da questão, mas não contribuiu para ampliar o repertório de fontes.

Tais lacunas, aliada a escassez de resultados, nos levaram a fazer uma busca da produção indexada no Portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)<sup>28</sup>. Para tanto, além dos descritores “imprensa” e “mato grosso” acrescentamos a palavra-chave “história educação”. Como resultado, localizamos 153 itens, sendo 66 revisados por pares. A partir da leitura do título/palavra-chave/resumo de cada resultado, não encontramos nenhum item que correspondesse ao nosso objetivo.

Considerando que o levantamento havia sido insuficiente, buscamos pelas teses e dissertações defendidas no Brasil, disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da (CAPES)<sup>29</sup> e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT)<sup>30</sup>, a partir dos descritores: “imprensa” e “mato grosso” no título, resumo e/ou palavras-chave. Considerando, em um primeiro momento, o sul e o norte de Mato Grosso uno como delimitação espacial, bem como a imprensa de modo geral e não apenas a imprensa educacional, localizamos 11 trabalhos defendidos entre 2008 e 2019. Entre os trabalhos localizados, três utilizaram a imprensa periódica educacional como fonte: aqueles elaborados por Silva (2019); Nolasco (2015) e Silva (2008). Os demais utilizaram a imprensa de circulação geral e/ou a imprensa religiosa.

Entre as três autoras, Silva (2019) e Nolasco (2015) utilizaram a imprensa estudantil, mas apenas Silva (2019) utilizou impressos de produção/circulação no sul de Mato Grosso. No entanto, a fonte utilizada por essa autora, o jornal *A Vida Escolar*, já constava no quadro de fontes disponíveis no CDR. A tese de Nolasco, apesar de limitar-se a investigar os impressos estudantis de Cuiabá, apresenta um quadro dos “Periódicos educacionais entre 1880-1959” que circularam no país (NOLASCO, 2015, quadro 13, p. 422-426). Sobre a parte sul de Mato Grosso, o quadro menciona dois impressos: *Primícias* (1927, Ginásio Municipal de Campo Grande) e o *Vida Escolar* (1934-1935, Colégio Visconde de Taunay).<sup>31</sup>

Considerando os poucos resultados, fizemos uma busca no Google Acadêmico<sup>32</sup> a partir de dois procedimentos: 1) pelos descritores “jornal escolar”, “mato grosso” e “história da educação” e, em seguida, 2) incluindo cada um dos títulos dos impressos levantados no acervo do CDR como descritores de busca. A partir dos resultados, consideramos, também, as referências bibliográficas constantes nas pesquisas localizadas.

---

<sup>27</sup> Nesse sentido, excluímos, por exemplo, os suplementos infantis em periódicos de circulação geral, pois, apesar de destinarem-se ao público em idade escolar, não apresentam relação direta com escolas ou instituições destinadas ao ensino.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 10 ago 2020.

<sup>29</sup> Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 4 maio 2020.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://bdt.d.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 6 maio 2020.

<sup>31</sup> Neste levantamento, observamos a ausência de pesquisas produzidas na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), apesar de a instituição comportar um programa de pós-graduação em Educação consolidado, implantado em 1988. A partir de nossa experiência em levantamentos anteriores e do contato com algumas pesquisas dessa instituição, inferimos que talvez os trabalhos que usaram algum tipo de imprensa periódica como fonte não as deixaram evidenciadas no título, no resumo e/ou nas palavras-chave. A explicação aplica-se também às instituições estaduais e privadas existentes nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, que apesar de contarem com programas de pós-graduação em educação, também não compuseram nossos resultados.

<sup>32</sup> Site disponível em: <https://scholar.google.com.br/scholar?q=>. Acesso em: 2 set. 2020.

Sintetizamos abaixo, no Quadro 2, o resultado dessa busca, que considerou todas as modalidades de produção acadêmica (artigos em anais e revistas, capítulos de livros, dissertações e teses). Na primeira coluna, apresentamos os impressos estudantis secundaristas citados nas pesquisas localizadas. Na segunda coluna, apresentamos as referências das pesquisas que mencionaram ou analisaram os referidos impressos. Quando a imprensa foi apenas citada na pesquisa, incluímos a página em que foi mencionada. O asterisco, por sua vez, indica que a referência foi localizada no levantamento anteriormente explicitado.

**Quadro 2** – Impressos estudantis secundaristas localizados em pesquisas

<b>Impresso estudantil</b> Instituição (cidade, década)	<b>Pesquisas que citam/analisa(m) tal impresso estudantil</b>
<i>O Eco do Collegio</i> Colégio Salesiano Santa Teresa (Corumbá, 1920)	Stella Oliveira (2014, p. 120)
<i>Primícias</i> Ginásio Municipal de Campo Grande (Campo Grande, 1927)	Nolasco (2015, p. 423)
<i>Vida Escolar</i> – órgão dos estudantes de Campo Grande Colégio Visconde de Taunay (Campo Grande, 1934, 1935, 1936)	Silva; Moreira (2015) Sá; Moreira (2017) Silva (2019) * Nolasco (2015, p. 423)
<i>Ecos Juvenis</i> – órgão das alunas do Colégio N. S. Auxiliadora (Campo Grande, 1936, 1939)	Trubiliano (2007) Trubiliano; Martins (2010) Ortiz (2014); Souza (1999).
<i>O Ginásio</i> <i>Colegio Dom Bosco</i> (Campo Grande, 1943) [1937 a 1940]	Castro (2014)
<i>Jornal A Penna</i> Colégio Estadual Campo-grandense (Campo Grande, 1966) [1944?]	Oliveira; Paes (2013, p. 11) Rosa (1990)
<i>O ABC</i> - Grêmio Estudantil Coelho Neto Colégio Osvaldo Cruz de Dourados (Dourados, 1961, 1962, 1968)	Moreira; Passone Rodrigues (2017) Aguiar; Assis (2018, 2019)
<i>O Grito do estudante</i> Colégio Estadual Presidente Vargas (Dourados, 1974)	Marques; Irala (2017)
<i>Voz do estudante</i> – Órgão oficial informativo e cultural da União Douradense dos Estudantes - UDE (Dourados, 1983, 1991)	-
<i>Jornal Enfoque</i> Joaquim Murinho Colégio Joaquim Murinho (Campo Grande, 1986)	Oliveira; Rodríguez (2006, p. 6) Oliveira; Rodríguez (2008, p. 8)
<i>Futrica</i> Escola Estadual Reis Veloso (Dourados, 1998)	-
<i>Jornal O interação</i> - Grêmio Estudantil gestão Renovação Escola Reis Veloso (Dourados, 1998)	-

**Fonte:** Elaboração própria a partir do resultado do levantamento da produção.

O Quadro 2 evidencia uma ampliação quantitativa, temporal e geográfica das fontes, em relação à primeira busca feita no acervo do CDR. A primeira ocorrência data de 1920, acrescenta a cidade de Corumbá, e comporta 12 jornais estudantis secundaristas (cinco a mais). O levantamento sintetizado no quadro também elucida o aparente ineditismo de algumas fontes, que ainda não foram mobilizadas em pesquisas. Nenhuma referência foi encontrada para os jornais *Futrica* e *O Interação* (ambos de 1998, da Escola Estadual Reis Veloso), tampouco sobre o *Voz do estudante: órgão oficial informativo e cultural da UDE* (1983, 1991).

De acordo com Oliveira (2014, p. 120), o Colégio Salesiano Santa Teresa, inaugurado em Corumbá, em 1899, pelos missionários salesianos, iniciou o curso ginásial em 1916 e criou, em 1920, o jornal estudantil *O Eco do Collegio*. O segundo impresso seria o periódico estudantil *Primícias*, “órgão crítico e noticioso da mocidade” do Ginásio Municipal de Campo Grande<sup>33</sup>, citado por Nolasco (2015, p. 423)<sup>34</sup>, com data de 1927. No entanto, não encontramos nenhuma outra referência que indicasse pistas para a localização dos referidos impressos. Além das menções pontuais nas referidas obras, nenhum outro trabalho os menciona, de acordo com nosso levantamento. Sobre o jornal *Enfoque*, vinculado ao Grupo Escolar e Escola Normal “Joaquim Murtinho”, em Campo Grande, a edição ano 1, n. 1, de junho de 1986, foi mencionada por duas pesquisas, mas não conseguimos ter acesso a essa fonte. Em síntese, esses três impressos foram citados pelos pesquisadores (na página indicada no Quadro 2), mas não analisados como fonte/objeto de investigação.

Além dos periódicos disponíveis no acervo do CDR, tivemos acesso a outros dois periódicos a partir do contato com pesquisadores que, muito gentilmente, nos disponibilizaram seus acervos pessoais: foi o caso do *Jornal A Penna* (algumas páginas de uma edição de 1944? e algumas páginas de uma edição de 1966)<sup>35</sup> e da revista *O Ginásio* (com algumas edições completas, publicadas em 1937, 1939 e 1940)<sup>36</sup>. Destacamos os acervos pessoais como parte dos “lugares de memória” (NORA, 1993). Em ambos os casos, os periódicos foram guardados como produto das atividades profissionais dessas pessoas que, como historiadores da educação, valorizam esses impressos como documento histórico.

Desse modo, o repertório da imprensa periódica estudantil no sul de Mato Grosso, identificado, localizado e acessado pelos nossos procedimentos de busca, ficou delimitado em 10 impressos: oito provenientes do CDR (considerando uma subdivisão do jornal *Vida Escolar*, vinculado a duas instituições distintas) e dois de acervos pessoais.

## Potencialidades e desafios do repertório sobre os impressos estudantis secundaristas no Sul de Mato Grosso

Apresentamos o repertório com os 10 periódicos estudantis secundaristas, produzidos e em circulação no sul de Mato Grosso, selecionados pelos nossos procedimentos de busca,

<sup>33</sup> Ao longo dos anos 1930, os padres salesianos assumiram a direção do Ginásio Municipal de Campo Grande, que passou a chamar-se Ginásio Municipal Dom Bosco e, posteriormente, Colégio Dom Bosco. Os documentos sobre esta instituição, apresentados na tese de Stella Oliveira, expõem um relatório do “Ginásio Municipal de Campo Grande”, em 1933, e um relatório do “Gymnasio Municipal de Campo Grande ‘Dom Bosco’”, em 1935 (Cf. OLIVEIRA, 2014, p. 264).

<sup>34</sup> O quadro, que consta na tese de Nolasco (2015), apresenta os impressos por “ano de circulação”, “tipo de periódico”, “nível de ensino/instituição/local” e “pesquisador ou arquivo”. Para o jornal *Primícias*, a autora faz autocitação na coluna “pesquisador ou arquivo” (NOLASCO, 2013), mas não localizamos a referência mencionada. Observamos tratar-se da primeira ocorrência de jornal estudantil localizado em Mato Grosso (uno) pela autora.

<sup>35</sup> Cópias cedidas por Gilberto Oliveira, a quem agradecemos, em contato feito a partir da localização do trabalho de Oliveira e Paes (2013), citado no quadro 2.

<sup>36</sup> Originais emprestados para cópia, por Marta Banducci Rahe, a quem agradecemos a disponibilidade e confiança, em contato feito a partir de uma reunião do projeto de pesquisa intitulado “Ensino secundário no Brasil em perspectiva histórica e comparada (1942-1961), edital CNPq Universal n. 1/2016.

delimitados no recorte temporal de 1934 a 1998, destacando as potencialidades e desafios desse tipo de fonte para a produção de pesquisas em História da Educação. O quadro abaixo expõe o repertório, informando sobre o total de edições (51 edições) e o total de páginas (584 páginas), indicando também o ano, instituição/cidade e acervo de acesso de cada periódico:

**Quadro 3** - Edições dos impressos estudantis secundaristas no sul de Mato Grosso localizada (1934-1998)

Impressos	Período	Instituição(cidade)	Edições localizadas	págs	Acervo
<i>Vida Escolar</i> (14 edições)	1934-1935	Colégio Visconde de Taunay (Campo Grande)	1934, Ano 1: n.1, 20-maio; n.2, 3-jun.; n.3, 17-jun.; n.5, 15-jul.; n. 6-7 15 ago; n.8, 1-set.; n.9, 23-set.; n. 10, 14-out; Ano 2: n.11, 14-nov.; 1935, Ano 2: n.13, 15-maio; n.14, 31-maio; n.16, 15-jul.; n. 17, 31-jul; n.18-19, 26-ago.	56	CDR
<i>Vida Escolar</i> (3 edições)	1935 a 1937	Internato Osvaldo Cruz (Campo Grande)	1935, Ano 2: n.20, 1-out; n. 21, 20-nov; 1936, Ano 3: n.22, 13-jun. 1937, Ano 4: n. 28, jun.	34	CDR
<i>Ecos Juvenis</i> (2 edições)	1934 a 1950	Colégio N. S. Auxiliadora (Campo Grande)	1936; 1939, Ano 6, n. 29, out.	22	CDR
<i>O Ginásio</i> (8 edições)	1937 a 1940	<i>Colégio Dom Bosco</i> (Campo Grande)	1937, ano II: n. 9, nov./dez.; 1939, ano II: n. 16, maio/jun; ano 3, n. 19; out.; ano 3, n. 20, nov./dez. 1940, ano 3: n. 21, fev./mar.; n. 22, abr./maio; ano 4: n. 24, ago./set.; n. 25, out/nov.	298	Pessoal
<i>A Pena</i> (2 edições)	1944? 1966	Colégio Estadual Campo-grandense (Campo Grande)	Ano II, n. 3, sem data (nov. de 1944? incompleto) Ano IV, s/n., junho de 1966, incompleto)	8	Pessoal
<i>ABC</i> (12 edições)	1961-2 1968	Colégio Osvaldo Cruz de Dourados (Dourados)	O ABC: 1961: n. 2, maio; n. 6, s/data; n. 6, out. 1961;1962: n. 8. Mar.; n. 9, s/data; n. 10, maio. O ABC Literário: n. 1, mar. 1968; n. 2, 1968; n. 3, maio 1968, n. 4, 1968; n. 5, ago. 1968; n. 6, set. 1968	56	CDR
<i>O Grito</i> (6 edições)	1974	Colégio Estadual Presidente Vargas (Dourados)	1974, ano 1: n. 1, jun; n. 2, ago.; n. 3, set.; n. 4 também de setembro; n. 5, out.; n. 6, nov.	92	CDR
<i>Voz do Estudante</i> (2 edições)	1983 1991	União Douradense dos Estudantes (Dourados)	1983: Ano 1 n. 2, out. 1991: Ano 11 n. 4 de 2/5/1991	12	CDR
<i>Futrica</i> (1 edição)	1998	Escola Estadual Reis Veloso (Dourados)	ano 1, n. 4, 26 de maio de 1998	2	CDR
<i>Interação</i> (1 edição)	1998	Escola Estadual Reis Veloso (Dourados)	n. 1 ano 1898	4	CDR

**Fonte:** Elaboração própria a partir dos impressos localizados

O Quadro 3 permite observar que, entre os periódicos localizados, três incluem a primeira edição: o *Vida Escolar*, de 20 de maio de 1934; *O ABC Literário*, de março de 1968; e *O Grito do Estudante*, de junho de 1974. O primeiro número de um periódico costuma explicitar os objetivos e motivações para a criação de tal impresso, assim como indica o público leitor a que se destina, auxiliando nas interpretações sobre os conteúdos nele veiculados.

De alguns dos periódicos localizados constam a segunda ou a terceira edição, mas de outros não foi encontrada sequer uma edição completa, como foi o caso do jornal *A Penna*, a que tivemos acesso apenas a algumas páginas de duas edições. Tais discrepâncias na sequência e quantidade de edições encontradas de cada impresso, associadas ao largo espaço de tempo que abrange esse repertório, somadas às mudanças que alguns desses impressos sofreram durante seu ciclo de vida (seja na sua forma/conteúdo/nomenclatura, seja na vinculação institucional), geraram dificuldades para interpretar esses documentos.

Considerando que não existe texto fora do suporte que se dá a ler, “que não há compreensão de um escrito, [...] que não dependa de formas através das quais ele chega ao seu leitor”, como expõe Chartier (1990, p. 127) e que, para analisar um impresso e a construção de sua significação, faz-se necessário “pôr à luz as [suas] condições de produção”, como afirma Le Goff (1990, p. 525), o quadro abaixo sintetiza algumas características materiais que ajudam a compreender os processos de produção, circulação e usos da imprensa estudantil que compõe o repertório:

**Quadro 4** – Período, vinculação institucional e dados materiais sobre os impressos localizados

Impressos	Período	Média de págs.	Impressão	Distribuição o (valor)	Periodicidade	Tamanho em cm <sup>37</sup>	Imagem	Anúncio
<i>Vida Escolar</i>	1934-1935	4	Tipografia Trouy & Cia	Vendido (\$300 <sup>38</sup> )	Quinzenal Mensal/ <sup>39</sup>	16 x 20	Sim	Sim
<i>Vida Escolar</i>	1935 a 1937	4/18 <sup>40</sup>	Tipografia Trouy & Cia	Vendido (\$300 <sup>41</sup> )	Mensal	16 x 20	Sim	Sim
<i>Ecos Juvenis</i>	1934 a 1950	22/40 <sup>42</sup>	Tipografia Trouy & Cia	Vendido (5\$000 <sup>43</sup> )	Mensal	16 x 20	Sim	Sim
<i>O Ginásio</i>	1937 a 1940	34/50 (37)	Tipografia Trouy e outras <sup>44</sup>	Vendido? <sup>45</sup>	Mensal/ Bimestral	16 x 23	Sim	Sim
<i>A Pena</i>	1944? 1966	8?	-	Gratuito(?)	Mensal?	50 x 30?	Sim	Sim

<sup>37</sup> Trata-se de medidas aproximadas, considerando o aspecto de alguns periódicos, disponíveis apenas em cópia.

<sup>38</sup> O valor médio de assinatura anual do *Vida Escolar* era de 4\$000 réis e o exemplar atrasado custava \$400 reais.

<sup>39</sup> A periodicidade era quinzenal até a edição n. 9; depois, passa a ser mensal, mas as publicações acontecem de modo irregular.

<sup>40</sup> A edição de n. 28 apresenta 18 páginas, as demais quatro páginas.

<sup>41</sup> O valor médio de assinatura anual do *Vida Escolar* era de 4\$000 réis e o exemplar atrasado \$400 reais. Na edição de n. 28, que apresenta um novo formato gráfico, não foi localizado o preço do impresso.

<sup>42</sup> Trubiliano (2007) afirma que a revista *Ecos Juvenis* chegou a ter 40 páginas por edição.

<sup>43</sup> Trubiliano (2007) afirma que a revista *Ecos Juvenis* teve distribuição gratuita até 1937, quando passou a ser comercializada. A assinatura anual em 1937 custava 5\$000, em 1938 custava 7\$000 e em 1940 custava 10\$000. Os exemplares consultados não apresentaram valor avulso.

<sup>44</sup> Entre edições n. 9, 16, 19 impresso pela Tipografia Trouy (até outubro 1939); na edição n. 20, pela Sociedade Gráfica Matogrossense Ltda; e nas edições de números 21 a 25 impresso pelas oficinas gráficas da papelaria acadêmica limitada.

<sup>45</sup> A revista *O Ginásio* apresenta características materiais semelhantes aos impressos vendidos, mas não identificamos qualquer menção ao preço nas edições analisadas.

<i>ABC</i>	1961-2 1968	6	A Folha de Dourados/ Jornal de Dourados <sup>46</sup>	Gratuito	Mensal?	50 x 30?	Sim	Sim
<i>O Grito</i>	1974	14	Gráfica Progresso <sup>47</sup>	Gratuito	Mensal	15 x 21	Sim	Sim
<i>Voz do Estudante</i>	1983 1991	6	Gráfica Alvorada (?)	Vendido (Cr\$ 50,00 <sup>48</sup> )	Mensal	50 x 30	Sim	Sim
<i>Futrica</i>	1998	2	-	Gratuito	Mensal	30 x 20	Sim	Sim
<i>Interação</i>	1998	4	WoW! Inglês e Informática	Gratuito	Único?	30 x 20	Sim	Sim

**Fonte:** Elaboração própria a partir da análise dos impressos localizados

Os elementos materiais mencionados permitem algumas conjecturas interpretativas sobre o repertório em questão. Elas evidenciam uma primeira fase de elaboração desses periódicos com algumas características em comum. Os primeiros impressos, produzidos e em circulação na década de 1930, foram confeccionados pela tipografia Trouy, de Campo Grande, tendo mais ou menos as mesmas medidas e formato, com circulação majoritariamente mensal, distribuídos mediante a compra, seja de um único exemplar ou por assinatura. A partir da década de 1960, por sua vez, os impressos são menos homogêneos na sua materialidade, e apresentam menor rigor profissional de produção e impressão em alguns momentos. Cabe perguntar se a qualidade material dos impressos e a impressão gráfica de alto padrão até esse período esteve vinculada à preocupação dos editores com a recepção dos periódicos, por um público mais amplo que os alunos da própria instituição. Questionamos se o apelo estético visual na produção desses impressos estudantis não estaria, de forma consciente, vinculado à produção de uma autoimagem das respectivas instituições (divulgando a arquitetura e mobiliário escolar, corpo docente, etc.) em um momento em que o ensino secundário, inclusive no discurso oficial, era voltado para a formação das elites.

No que diz respeito à forma de distribuição desses impressos, os primeiros se apresentaram com preços, identificando os valores cobrados pelos exemplares avulsos, atrasados e/ou por assinatura (anual), e informando os procedimentos de acesso aos exemplares. A partir da década de 1940, surgem os impressos com distribuição gratuita. A exceção é o jornal *Voz do Estudante*, em circulação a partir da década de 1980, vinculado à associação de estudantes (UDE), que fazia do seu impresso mais uma forma de arrecadação de fundos para a associação. A gratuidade induz o pesquisador a supor que o financiamento dos periódicos fosse subsidiado pelos anúncios veiculados.

Ainda sobre os elementos materiais, o tamanho do impresso, ou seja, seu formato, bem como o número de páginas, também pode indicar ao pesquisador sobre o “leitor visado”<sup>49</sup> e sobre as formas de uso. Em síntese, a atenção aos elementos materiais dos periódicos estudantis pelo historiador da educação considera, parafraseando Darnton (1990, p. 131), que os periódicos “[livros] não se limitam a relatar a história: eles fazem a história”, porque não são meros reservatórios de palavras, não apenas trazem em suas páginas uma história, mas constituem e atuam com e sobre ela. Em outras palavras, os

<sup>46</sup> As edições de 1968 informam ter sido impressas pela *A Folha de Dourados* (500 exemplares) e depois pelo *Jornal de Dourados* (mil exemplares). As edições de 1961 e 1962 não apresentam informações sobre a impressão e tiragem.

<sup>47</sup> O jornal *O Grito* informa a tiragem de 1200 exemplares.

<sup>48</sup> O jornal informa no número 2, Ano 1 (10/1983) que passará a cobrar Cr\$ 50,00 para custeio das próximas edições e pede a colaboração dos companheiros. A edição n 4, Ano 11 (02/05/1991) mantém o mesmo valor.

<sup>49</sup> Sobre o leitor visado, ver Eco (1993) e Galvão e Melo (2019).

elementos que compõem o suporte do impresso reverberam naquilo que se lê/vê e remete às condições de produção e de consumo disponíveis em determinado momento histórico.

Ainda com esta intenção, apresentamos abaixo alguns dados de identificação e produção dos periódicos que compõem o repertório, em torno do gênero do periódico (jornal ou revista), da vinculação escolar (pública ou privada), da relação com um grêmio escolar (estudantil ou literário) e da autoria e edição, tendo em vista que o impresso só se torna impresso dentro de um circuito e “das relações que se estabelecem nesse circuito entre seus diferentes agentes: autores, editores, impressores, expedidores [...]” (GALVÃO; MELO, 2019, p. 244).

#### Quadro 5 – Identificação e produção dos impressos localizados

Impressos Dados	Vida Escolar <sup>50</sup>	Ecos Juvenis	O Ginásio	A Pena	ABC	O Grito	Voz do Estudante	Futrica	Interação
Suporte	Jornal *	Revista	Revista	Jornal	Jornal	Jornal	Jornal	Jornal	Jornal
Instituição	Privada	Privada	Privada	Pública	Privada	Pública	Pública	Pública	Pública
Vínculo Grêmio	Literário <sup>51</sup>	Literário <sup>52</sup>	Literário <sup>53</sup>	Estud?/ Literário <sup>54</sup>	Estud/ Literário <sup>55</sup>	Estudantil	UDE <sup>56</sup>	-	Estudantil
Editoração	Gestão da instituição	Gestão da instituição	Gestão da instituição	Alunxs <sup>57</sup>	Alunxs <sup>58</sup>	Alunxs	Alunxs	Alunxs <sup>59</sup>	Alunxs
Autoria	Alunos/ Profs/ Diretores	Alunos/ Profs/ Diretores	Alunos/ Profs/ Diretores	Alunxs <sup>60</sup>	Alunxs	Alunxs	Alunxs	Alunxs	Alunxs

Fonte: Elaboração própria a partir da análise dos impressos localizados

Considerando a dificuldade de classificar o gênero dos periódicos (jornal, revista, magazine, boletim, semanário, etc.), pela ausência de um padrão, e uma vez que editores e proprietários utilizam termos como sinônimos, consideramos a identificação apresentada no próprio impresso para a construção do Quadro 5. Dois impressos identificaram-se como pertencendo ao gênero impresso revista: a *Ecos Juvenis* e *O Ginásio*. Ambos estavam vinculados a instituições privadas e à igreja católica, mais especificamente à ordem salesiana, em Campo Grande, e atendiam estudantes em regime de internato e externato. O *Vida Escolar*, por sua vez, se autodenomina como jornal, mas

<sup>50</sup> Apresentamos ambas as etapas do *Vida Escolar*, vinculados às duas instituições, em uma mesma coluna, porque não encontramos divergência que justificasse a separação no conteúdo deste quadro.

<sup>51</sup> O Grêmio Literário “Castro Alves” foi criado em 1934 pelos alunos do Colégio Visconde de Taunay (*Vida Escolar*, n. 13, maio/1935, p. 2).

<sup>52</sup> Grêmio Literário Dom Aquino.

<sup>53</sup> Atividades do grêmio literário D. Bosco foram citadas no impresso, mas *O Ginásio* não apresenta-se como produção de um grêmio.

<sup>54</sup> 1944? Como Grêmio “Machado de Assis” dos alunos do “Ginásio Campo-grandense” e em 1966 como Grêmio Esportivo Literário Machado de Assis.

<sup>55</sup> Grêmio Estudantil Grêmio Estudantil Coelho Neto (1961 e 1962) e Grêmio Estudantil Osvaldo Cruz (1968), responsável pelo ABC LITERÁRIO: Órgão de Iniciação Literária.

<sup>56</sup> Órgão oficial informativo e cultural da União Douradense dos Estudantes (UDE), criada em 1980, como filial da UBES (União Brasileira de Estudantes Secundaristas), em substituição à Associação Douradense dos Estudantes Secundários (ADES).

<sup>57</sup> Na edição de 1944? O estudante Eduardo Fraia é apresentado como diretor do impresso. Em 1966, constam os alunos Aurélio Ferreira e Eduardo Velasco de Barros, como editores.

<sup>58</sup> Em 1968 o estudante Doratildo Pereira destaca-se como editor do jornal *O ABC Literário*.

<sup>59</sup> Editado pelos estudantes Ana Paula e Vladimir, do 3º. Ano.

<sup>60</sup> Percebemos que, na edição de 1944?, os autores são alunxs do ginásio e na edição de 1966 a maioria dos autores são alunxs do curso científico.



é citado em outro impresso como “revista ‘Vida Escolar’ do Ginásio ‘Osvaldo Cruz’” (O GINÁSIO, ano 4, n. 24, ago/set de 1940, p. 19).

Tanto os periódicos autodenominados revista (*Ecos Juvenis* e *O Ginásio*) quanto o *Vida Escolar* (em sua segunda fase, especificamente a partir da edição de 1937, entre os que localizamos) apresentam características semelhantes entre si, com quantidade maior de páginas e riqueza de ilustrações, em comparação com os demais periódicos do repertório. Em síntese, eles apresentam características de um impresso mais robusto e elaborado. Além disso, como expõe Martins (2008, p. 46), ao propor que uma revista se distingue dos jornais pela presença de certos elementos materiais, como a capa, confirmamos que os três impressos podem ser classificados no gênero revista. Os demais impressos, definidos como gênero jornal, expõem um *layout* identificador do impresso na parte superior da primeira página e em seguida apresentam os conteúdos em colunas, ainda na primeira página, como pode ser observado na Figura 1:

**Figura 1** – Primeira página dos impressos estudantis que compõem o repertório



**Fonte:** Extraídas das primeiras edições localizadas dos periódicos, em ordem crescente de data.

As imagens na Figura 1, contendo a primeira página das primeiras edições localizadas, permitem observar a existência de uma “capa” nos impressos do gênero revista (*Vida Escolar*, *Ecos Juvenis*, *O Ginásio*), assim como permite observar o *layout* dos impressos do gênero jornal. Diferente do *Vida Escolar* (1937), que faz uma homenagem ao professor Henrique Correa (imagem de capa), os periódicos *Ecos Juvenis* e *O Ginásio* mantêm em todas as edições (localizadas) a imagem arquitetônica da fachada do prédio da instituição escolar que o impresso representa, como uma forma, acreditamos, de propaganda desse “palácio da instrução”, o que nos leva à questão seguinte, sobre a iniciativa pública ou privada das instituições a que os impressos se vincularam.

Observamos que, até a década de 1940, todos os periódicos localizados estiveram vinculados a instituições de iniciativa particular (Colégio Visconde de Taunay; Internato Osvaldo Cruz; Colégio N. S. Auxiliadora; e Colégio Dom Bosco). Nossa hipótese é a de que essas revistas estudantis, criadas e editadas pelos dirigentes das referidas instituições privadas, com textos de alunos, além de outros autores, serviram como divulgadores das respectivas instituições, que objetivavam manter e ampliar o número de alunos matriculados. Desse modo, o historiador da educação pode indagar, já pela capa das



revistas, sobre a amplitude dos leitores visados por essa imprensa periódica estudantil, além dos próprios estudantes.

Uma característica comum a estas instituições de ensino secundário foi a presença de “grêmios escolares”, como parte da cultura da escola, sob a responsabilidade dos estudantes<sup>61</sup>. Os impressos estudantis se apresentaram como uma das atividades mais expressivas dos grêmios, que neste repertório alguns se definiram como “grêmios estudantis” e outros como “grêmios literários”. Os grêmios escolares compuseram, pelo menos no discurso impresso, o núcleo dos agentes da produção da imprensa periódica estudantil secundarista no repertório em questão, com duas exceções (os periódicos *Voz do Estudante* e o *Futrica*). Cabe ao pesquisador da história da educação, ao analisar a imprensa estudantil, questionar sobre a autonomia dos estudantes dos grêmios escolares na produção dos referidos periódicos, o que pode ser questionado analisando-se, por exemplo, a composição editorial e a autoria<sup>62</sup> dos textos divulgados nos impressos correspondentes. Cabe questionar se é possível referir-se à autonomia dos periódicos estudantis em contextos em que a escola atua como meio de homogeneização e controle social da juventude. O que significa um grêmio estudantil em contexto de ditaduras, como a do Estado Novo e a Militar? O que dizer sobre autonomia em momentos em que os grêmios e os periódicos estudantis são criados para atender aos interesses da instituição, como instrumentos da escola mais do que dos estudantes?

Na proposta escolanovista de elaboração de “jornais escolares”, sistematizada, entre outros, por Casasanta (1939), a produção de jornais escolares pelos alunos é exposta como uma atividade a ser inserida nos currículos escolares, ressaltando os papéis do aluno e do professor no processo de ensino-aprendizagem<sup>63</sup>, como incentivou Freinet, a partir de 1924, ao apresentar as vantagens pedagógicas, psicológicas e sociais dos jornais escolares (FREINET, 1957, p. 62-65). Fica evidenciada, nessa proposta pedagógica, o acompanhamento e a supervisão do professor na elaboração dos jornais pelos estudantes. Nesse debate, Nolasco (2015, p. 209-210) propõe uma distinção terminológica entre “jornais estudantis” como impressos “organizados e produzidos por iniciativa de alunos, podendo ou não contar com apoio de professores e colaboradores externos à escola, mas que dela não dependiam”, sugerindo “emancipação na escolha das pautas e produção final independente da aprovação dos adultos”. Já os “jornais escolares” seriam as produções de alunos, “sob a tutela das autoridades escolares”, com uma “preocupação relativa à formação estudantil”. Considerando a existência de uma autonomia, mesmo que relativa, por parte dos estudantes, na criação e produção da imprensa periódica estudantil, os impressos que compõem o presente repertório carecem de uma análise mais profunda para serem definidos como “estudantis” ou “escolares”, na diferenciação proposta pela autora. No entanto, podemos afirmar que alguns periódicos não podem ser classificados em nenhuma dessas posições, porque não surgiram de iniciativas de alunos e tampouco estavam focados na formação dos estudantes (como propõem Freinet ou Casasanta), e

---

<sup>61</sup> Sobre grêmios escolares, consultar Eliezer Costa (2016), que define grêmio como associações de estudantes em torno de questões/temáticas específicas, que se organizam dentro da escola, mas fora do ambiente de sala de aula. Para este autor, os grêmios escolares, que surgiram como parte do movimento da escola nova no Brasil, eram destinados à transmissão de conhecimentos e à incorporação de comportamentos, em prol do governo de si, preparando o jovem para a vida adulta. No entanto, os grêmios podem assumir formatos diferentes, como literário, musical, pedagógico, artístico, de ciências, etc., explica o autor.

<sup>62</sup> Eliezer Costa (2016) afirma que, mesmo sob a orientação da pedagogia ativa, os periódicos estudantis sofriam alguma forma de controle, ao analisar, por exemplo, a pouca variação no círculo de alunos que neles escreviam.

<sup>63</sup> Casasanta, respaldado por autores como Claparède, Dewey, Ferrière e Lourenço Filho, ressalta o espírito escolanovista que permeia sua proposta de trabalho com jornais em seu livro *Jornais Escolares*, editado e publicado pela Companhia Editora Nacional em 1939.

explicitaram o objetivo de divulgação da instituição a qual representavam. É o caso dos impressos *Vida Escolar*, *Ecos Juvenis*, e *O Ginásio*.

Como última proposição analítica, apresentamos algumas categorias temáticas veiculadas na imprensa periódica estudantil secundarista que compõe o presente repertório. A metodologia adotada consistiu na leitura integral de cada edição dos periódicos acessados, com o intuito de identificar temáticas que possam ser de interesse para pesquisadores da história da educação. O largo tempo que abrange esse repertório apresenta a vantagem de poder investigar as mudanças e permanências na proposição de algumas temáticas, tanto na perspectiva dos alunos quanto das próprias instituições. Cultura estudantil; instituição escolar secundária; feminismo/mulher; e cinema e educação foram as categorias inicialmente elencadas, mas muitas outras poderiam ser elaboradas, em decorrência das perguntas de pesquisa propostas por cada pesquisador e da própria riqueza de informações evidenciada pelas fontes.

A categoria temática que delimitamos como “cultura estudantil” pode ser analisada pelas denúncias, expectativas/desejos, idealizações e contradições dos estudantes, sobre a instituição, a educação, os colegas, a sociedade, e/ou a política. Essa cultura estudantil está impressa nos periódicos por meio de críticas, sátiras, caricaturas, poemas, etc., expressando normas de conduta/comportamentos/hábitos, posições político-ideológicas-filosóficas dos estudantes como autores. As atividades extraescolares, tais como a participação em homenagens cívicas, os passeios e as excursões, os piqueniques, campeonatos esportivos, gincanas e festivais de música, também foram incluídos como parte da cultura estudantil. Tais atividades dizem sobre as práticas estudantis que ocorriam além dos muros da escola, ao mesmo tempo em que os estudantes se reconhecem como grupo de determinada instituição em atividade extraescolar. Outro exemplo da cultura estudantil está marcado pela organização de grêmios e outras associações/movimentos estudantis, que expressam a necessidade que tinham os alunos e alunas de definirem-se como “classe estudantil”.

O tema sobre “instituição escolar” de nível secundário foi delimitado considerando a quantidade de informações apresentadas por esses periódicos sobre nome e número de alunos matriculados, notas e classificações dos alunos nos exames, nomes dos professores que compõem o corpo docente, níveis de ensino e horários oferecidos, infraestrutura do espaço escolar, prestação de contas sobre o caixa escolar, etc., além de contar com fotografias sobre o espaço físico e as atividades escolares. Esse tema é abarcado ora para destacar os valores, ora a precariedade da instituição, dependendo de cada período. Tais dados podem trazer contribuições para os pesquisadores interessados na história das instituições de nível secundário.

A categoria temática “feminismo/mulher” chamou a atenção por constar como polêmica desde o periódico mais antigo aqui listado. A disputa por espaço, tendo em vista a questão de gênero, aparece nos periódicos, com mais ou menos ênfase, de acordo com a abertura social possibilitada em cada época e em cada instituição (algumas exclusivas para homens ou para mulheres). Tal temática permite questionar sobre o acesso das mulheres ao ensino secundário, em todas as suas ramificações, ou seja, além da escola normal. A presença da mulher como autora é outra pergunta para ser analisada, quanti-qualitativamente, além do papel desempenhado pelas mulheres como parte do corpo docente nesse nível de ensino.

“Cinema e educação” foi elencado como uma categoria temática considerando a valorização e propagação do cinema na escola (cineclube, cineteatro, cinema educativo gratuito), presentes nos impressos estudantis, começando na década de 1930, provavelmente por influência da obra de Serrano e Venâncio Filho (1930), na perspectiva da escola ativa, que incentiva e explica sobre as vantagens do cinema educativo, além da necessidade de controle dos filmes considerados adequados ou impróprios, até os periódicos mais recentes, que destacam a programação do cinema da cidade, e fazem comentários sobre filmes.

O Quadro 6 sintetiza os temas, como potencial de análises investigativas no campo da História da Educação, destacando em quais periódicos estudantis tais temas podem ser encontrados.

**Quadro 6** – Identificação e produção dos impressos estudantis secundaristas localizados

Impressos / Conteúdos	Vida Escolar	Vida Escolar	Ecos Juvenis	O Ginásio	A Pena	ABC	O Grito	Voz do Estudante	Futrica	Interação
Ano	1934-1935	1936-1937	1936-1939	1937 a 1940	1944-1966	1961/2-1968	1974	1983-1991	1998	1998
Cultura Estudantil										
Instituição secundária										
Cinema/Educação										
Feminismo/Mulher										

**Fonte:** Elaboração própria a partir da leitura dos periódicos que compõem o repertório

Cabe destacar o risco de diminuir o potencial de análise que os periódicos estudantis oferecem em sua totalidade, ao propor tais categorias temáticas. Temas como a valorização da língua portuguesa, na região de fronteira, no período do governo Getúlio Vargas, presente nos quatro primeiros periódicos listados, não foram apresentados como uma categoria temática. A presença do patriotismo e do combate ao comunismo é outro exemplo de temática que pode ser encontrada, com certo destaque, nos períodos de democracia mais restritas, assim como o tema da religião/fé/Deus, que aparece em todos os periódicos estudantis até os anos de 1970. Outro tema que não foi incorporado no Quadro diz respeito à valorização de conteúdos científicos encontrados em quase todos os impressos estudantis. Cabe, nessa perspectiva, questionar sobre as ciências mais citadas e valorizadas em cada contexto, bem como a permanência de outras no percurso da longa duração. Há, ainda, a possibilidade de análise desses impressos em seu conjunto seja por décadas ou por períodos específicos, como a Era Vargas e a ditadura militar, por exemplo.

### Considerações finais

Essa primeira operação técnica do fazer historiográfico, em busca da imprensa estudantil secundarista no sul de Mato Grosso, remeteu-nos a Prost quando escreve sobre o prazer do historiador no contato com as fontes:

Eu duvido, o reconheço, que um historiador possa deixar de provar uma certa emoção abrindo uma pasta de arquivo ou a coleção de um velho jornal: essas folhas que dormem há tanto tempo conservam o traço de existências múltiplas, de paixões hoje extintas, de conflitos esquecidos, de análises imprevistas, de cálculos obscuros. (PROST, 1999 apud ALVES, 3003, p. 2)

Compartilhamos dessa emoção ao localizar, identificar e nos debruçar sobre os jornais e revistas de estudantes secundaristas produzidos no sul de Mato Grosso, no decorrer do século XX, e vislumbrar o universo de investigação que potencialmente se abre com base na análise desses registros do passado. Como lembra Alves (2003, p. 2), “os dilemas postos no cotidiano da pesquisa não conseguem dissipar o encanto que envolve o mergulho no passado”.

O exercício aqui realizado compreende a primeira fase da pesquisa histórica, como lembra Certeau (2011[1975]), de produção de documentos, da criação de uma coleção, e o primeiro desafio é o de definir o conjunto desta coleção. Os 10 impressos levantados

apresentam-se como parte da produção escrita ocidental moderna, abarcando discursos, práticas e representações de/sobre estudantes secundaristas no sul de Mato Grosso, durante o século XX. Cientes das diferentes terminologias adotadas, escolhemos, para definir esse conjunto o termo “imprensa periódica estudantil”, levando em conta o espaço de produção e a destinação dos referidos impressos.

Apesar das várias limitações já anunciadas na descrição deste repertório, acreditamos no seu potencial para a escrita da história da educação, ao compreender a imprensa periódica estudantil como fonte para a história da escrita estudantil, a história das instituições, do ensino secundário, das práticas e do cotidiano escolar e extraescolar, considerando, em conformidade com Jouhaud (2019, p. 450), que o ato do autor/editor (aluno, professor/a, diretor), ao escrever/publicar, “remete a (ou pressupõe) uma confiança no poder do escrito”.

## Referências

ABREU, Jayme. A educação secundária no Brasil: Ensaio de identificação de suas características principais. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v. 23, n. 58, p. 26-104, abr.-jun. 1955.

ABREU, Jayme. Ensino médio em geral e ensino secundário. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v. 35, n. 81, p. 7-24, jan. / mar. 1961.

AGUIAR, Cintia M. R.; ASSIS, Jacira H. do V. P. De olho na fonte: caracterizando impressos periódicos educacionais para uso na pesquisa em história da educação regional. *Anais eletrônicos da III Jornada Brasileira de Educação e Linguagem/ III Encontro dos Programas de Mestrado Profissionais em Educação e Letras e XII Jornada de Educação de Mato Grosso do Sul*, 2018.

AGUIAR, Cintia M. R.; ASSIS, Jacira H. do V. P. Imprensa estudantil no Ensino Secundário – no antigo Sul de Mato Grosso (indiviso): em estudo a materialidade do jornal ABC Literário na década de 1960. *Métis: história & cultura*, v.18, n.36, p.71-90, jul/dez, 2019. DOI: <https://doi.org/10.18226/22362762.v18.n.36.04>.

ALVES, Claudia M. C. Os arquivos e a construção de categorias de análise na História da Educação. *Anais da XXVI Reunião Anual da ANPED*. Poços de Caldas, 2003, p. 1-10.

AMARAL, G. L. do. Os impressos estudantis em investigações da cultura escolar nas pesquisas histórico-institucionais. *Revista História da Educação (Online)*. Porto Alegre, v. 6, n. 11, p. 117-130, jan/jun, 2002.

BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. Em defesa de “legítimos interesses”: o ensino secundário no discurso educacional de “O Estado de S. Paulo” (1946-1957). *Revista Brasileira De História Da Educação*, 6(2 [12]), 121-158, 2012.

BLOCH, Marc. *Introdução à história*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1965.

BRAGHINI, Katya M. Z. 2005. *O ensino secundário brasileiro nos anos 1950 e a questão da qualidade de ensino*. Dissertação de Mestrado. Programa de Educação: História, Política, Sociedade. PUC-SP, 2005.

BRASIL, Decreto-Lei no 4.244, de 9 de abril de 1942. Lei orgânica do ensino secundário. Brasília: Senado Federal, 1942b. Disponível em: <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=7108>. Acesso em: 9 jan. 2020.

CASTRO, Padre A. de. *História da Missão Salesiana de Mato Grosso - 1894 - 2008 -*. Campo Grande - MS: UCDB, 2014. Vol. 1 e 2.

CASASANTA, Guerino. *Jornais escolares*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, v.32, 1939.

CASPARD, Pierre (dir.). *La presse d'éducation et d'enseignement, XVIIIe siècle-1940. Répertoire analytique*. Paris: INRP. Tome 1: A- C, 1981, 560p.; Tome 2: D-J, 1984, 688p.; Tome 3: K-R, 1986, 566p.; Tome 4: S-Z, 1991, 762p.

CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária 2011.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel; Bertrand Brasil, 1990.

COSTA, Eliezer Raimundo de Souza. *Os grêmios escolares e os jornais estudantis: práticas educativas na Era Vargas (1930 – 1945)*. 249f. 2016. Tese de Doutorado (Educação e Inclusão social). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

DALLABRIDA, Norberto. Usos sociais da cultura escolar prescrita no ensino secundário. *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas, v. 12, n. 1, p. 167-192, jan. / abr. 2012.

DARNTON, Robert. O que é a história dos livros? In: DARNTON, R. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 65-77.

ECO, U. *Lector in fabula*. Barcelona: Lumen, 1993.

FREINET, Celestin. *Le Journal scolaire*. Vienne: Rossignol, 1957.

GALVÃO, Ana Maria de O. & MELO, Juliana F. de. Análise de impressos e seus leitores: uma proposta teórica e metodológica para pesquisas em história da educação. In: VEIGA, Cynthia G. & TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus A (Org.) - *Historiografia da educação: abordagens teóricas e metodológicas*. Belo Horizonte [MG]: Fino Traço, 2019, p. 223-259.

GONÇALVES, Arlene da S.; OLIVEIRA, Regina T. C. de. A emergência dos grupos escolares: processo de implantação e de expansão no sul do estado de Mato Grosso (1920-1950). In: *Anais do IV Congresso Brasileiro de História da educação*. Universidade Católica de Goiás (UCG), Goiânia, 2006, p. 1-10.

JOUHAUD, Christian. Literatura da experiência no século XVII. *Varia Historia*. Belo Horizonte, v.35, n.68, p.443-459, mai/ago 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-87752019000200004>.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

MACHADO, Constança de Barros. In. ROSA, Maria da Glória Sá. *Memória da cultura e da educação em Mato Grosso do Sul: Histórias de Vida*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 1990.

MATO GROSSO. *Relatório do interventor do Estado de Mato Grosso apresentado ao Presidente Getúlio Vargas*. Arquivo Público de Mato Grosso - APMT, Cuiabá - MT, 1939 – 1940.

MARTINS, Ana L. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Edusp, FAPESP, 2008.

MARQUES, Inês V.; IRALA, Clóvis. Acervos públicos e arquivos escolares: fontes para o estudo da história das instituições educativas no sul de Mato Grosso (1940-1977). In: PINTO, Adriana A.; FURTADO, Alessandra C. *A história da educação em Mato Grosso do Sul: temas e abordagens*. Dourados: Ed. UFGD, 2017, pp. 15-30.

MOREIRA, Kênia H.; SILVA, Jaine M. O Colégio Visconde de Taunay em Campo Grande na década de 1930. *Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade*, v.2, p.106-120, 2015.

MOREIRA, Kênia H.; PASSONE RODRIGUES, Eglem de O. O Ginásio Osvaldo Cruz de Dourados nas páginas do jornal estudantil ABC: ensino secundário no sul de Mato Grosso nos anos 1960. *Série-estudos (UCDB)*, Campo Grande-MS, v.22, n. 46, p.113-136, set./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.20435/serie-estudos.v22i46.999>

NOLASCO, Simone R. *O Fazer-se Cidadão: O Jornalismo Estudantil nas décadas de 1920 e 1930 no Liceu Cuiabano em Mato Grosso*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, MT: UFMT, 2015.

NORA, Pierre. Entre Memória e História – a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo (10), dez., p. 7-29, 1993.

OLIVEIRA, Gilberto A. de; PAES, Ademilson B. Formação e atuação de normalistas mato-grossenses: a trajetória de Maria Constança Barros Machado. In. *Anais do VII Congresso Brasileiro de História da educação*. Cuiabá-MT, 2013, p. 1-14.

OLIVEIRA, Regina T. C. de; RODRÍGUEZ, Margarita V. A Escola Normal no sul do estado de Mato Grosso (1930-1950). In. *Anais do V Congresso Brasileiro de História da educação*. Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2008, p. 1-19.

OLIVEIRA, Regina T. Cestari de; GONÇALVES, Arlene da S. Iniciativas de Modernização Escolar em Mato Grosso: grupos escolares e formação docente- o sul do estado (1910-1950). *Série-Estudos (UCDB)*, v.1, p.171-191, 2009.

OLIVEIRA, Stella S. de. *Implantação e organização do curso ginasial no Sul de Mato Grosso: expressões de um projeto de modernização (1917-1942)*. 2014. 282f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

ORTIZ, Fernanda R. *A escola normal de moças das elites: um estudo das práticas escolares, culturais e sociais do colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1946 – 1961)*. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

ROCHA, Marcelo P. *O ensino secundário no sul do estado de Mato Grosso no contexto das reformas educacionais: o Ginásio Osvaldo Cruz (1927-1949)*. Campo Grande, 2010. 97 f. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco, 2010.

ROSA, Maria da G. Sá. *Memória da cultura e da educação em Mato Grosso do Sul: Histórias de Vida*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 1990.

ROSA, Maria da G. Sá (Coord.) *Maria Constança Barros Machado – Histórias de Vida*. Departamento Cultural do Colégio Osvaldo Cruz. Dourados, MS, 1995.

SÁ, Elizabeth Figueiredo; MOREIRA, Kênia Hilda. A morte no cotidiano e no Vida Escolar em Campo Grande-MT. *Revista Brasileira de História da Educação*. Maringá-PR, v.17, n. 3 (46), p.171-195, jul./set. 2017.

SERRANO, Jonathas; VENÂNCIO FILHO, Francisco. *Cinema e Educação*. São Paulo: Melhoramentos, 1930.

SILVA, Jaine M. *Dimensões educativas do Jornal Vida Escolar: Orgão dos Estudantes, da cidade de Campo Grande, no Sul de Mato Grosso (1934-1936)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo. São Paulo, SP: USP, 2019.

SILVA, Marijâne S. da. *Revista Educação em Mato Grosso (1978-1986): contribuições para a compreensão da imprensa pedagógica do Estado*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, MT: UFMT, 2008.

SOUZA, Maria N. G. G. *As Meninas do Estado Novo em Campo Grande MT. Breve Estudo do Jornal Escolar Ecos Juvenis (1937-1945)*. Aquidauana: CEUA/UFMS, monografia de especialização em História Regional, 1999, p. 18-19.

TORRES, Carla M. R.; NASCIMENTO, Maria I. M. Os impressos estudantis e a história da educação. *Rev. HISTEDBR On-line*, Campinas, v.18, n.2, p.462-482, abr./jun. 2018. DOI: <https://doi.org/10.20396/rho.v18i2.8651230>

TRUBILIANO Carlos A. B. *Imagens Femininas Nos Jornais Mato-Grossenses (1937-1945): Identidade e Controle Social*. 124 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Grande Dourados, 2007.

TRUBILIANO, Carlos A. B.; MARTINS, Carlos Junior. O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e a Revista Ecos Juvenis: educação e imprensa feminina no sertão mato-grossense (1937-1945). *Revista Ensaios: Renovações*, Rio de Janeiro, 2010, n.4 v. 2, p. 01-16, 2010.